

EVENTO: XVII Encontro da ANPOCS

TÍTULO DO TRABALHO: A Pátria na “Imprensa de Chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras

NOME DO AUTOR: Édison Gastaldo

NOME DO GT: GT 06 - Esporte, Política e Cultura

NOME DOS COORDENADORES: José Jairo Vieira (UFViçosa) e Ronaldo Helal (UERJ)

A Pátria na "imprensa de chuteiras": futebol, mídia e identidades brasileiras.

Édison Gastaldo¹

RESUMO:

Este trabalho visa a analisar a apropriação midiática da relação entre futebol e cultura brasileira contemporânea a partir da definição social de categorias constituintes de uma "identidade brasileira", presentes na cobertura da imprensa esportiva da Copa do Mundo de 2002 em jornais do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Esta Copa constitui-se em um caso particularmente interessante neste sentido, uma vez que, a partir da figura emblemática do técnico Luis Felipe Scolari, os elementos tradicionalmente associados ao "ser brasileiro" - elementos que se manifestariam em um "estilo brasileiro de jogar futebol", de que Romário é talvez um dos melhores exemplos - sofreram uma rearticulação no discurso midiático. O objetivo desta pesquisa é analisar os processos de significação associados às "identidades brasileiras" a partir dos discursos da imprensa esportiva brasileira relativa aos "fatos esportivos" da Copa do Mundo de 2002. Minha intenção é aprofundar a discussão acerca do papel do futebol como "operador simbólico" da nacionalidade no Brasil a partir de sua apropriação pelo discurso da imprensa esportiva.

Palavras-chave: Mídia (imprensa esportiva); Copa do Mundo (futebol); identidade nacional

Introdução

A Copa do Mundo de 2002 pode ser considerada singular sob muitos aspectos. Afora o fato de ser a primeira Copa disputada fora do eixo Europa/América, foi também a primeira a ocorrer em dois países simultaneamente, Coreia do Sul e Japão. No âmbito puramente futebolístico, foi uma Copa de graves e numerosos erros de arbitragem – vários deles favorecendo uma das seleções anfitriãs, a Coreia do Sul, que acabou em 4º lugar. Além disso, foi uma Copa de resultados surpreendentes, como a derrocada sumária dos principais “favoritos” ao título, como França, Argentina, Portugal e Itália. Paralelo a tudo isso, foi a Copa em que a seleção brasileira sagrou-se pentacampeã, com um retrospecto invejável: sete vitórias em sete jogos, 18 gols a favor, 4 contra, média de 2,5 gols por jogo. Não obstante os números favoráveis, a seleção brasileira, comandada pelo técnico Luiz Felipe Scolari, o “Felipão”, foi severamente

¹ Doutor em Multimeios, Professor-Visitante na Universidade de Manchester, Professor Adjunto no PPGCC/Unisinos. Autor de “Pátria, Chuteiras e Propaganda – o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo” (Co-edição AnnaBlume/Unisinos, 2002).

criticada pela imprensa esportiva de todo o país, até pelo menos as quartas-de-final, quando venceu a seleção da Inglaterra, uma das últimas favoritas ao título que ainda estava na competição. Boa parte das críticas veio do fato de o Brasil ter feito uma péssima campanha nas eliminatórias sul-americanas, tendo trocado quatro vezes de técnico e convocado mais de uma centena de jogadores na esteira de sucessivos fracassos, como a histórica derrota de 2 x 0 para a seleção de Honduras². A surpreendente trajetória de Luiz Felipe e seus jogadores, indo em exatamente um ano do “fundo do poço” à apoteose como pentacampeões do mundo suscita muitas reflexões acerca da relação entre futebol e identidade nacional no Brasil.

Simoni Guedes (1998) ressaltou com propriedade as complexas questões simbólicas envolvendo este time de futebol especial, a “seleção brasileira”, e seu caráter de “metonímia” do povo brasileiro no discurso da imprensa esportiva, mesmo que nos últimos anos esta vinculação pareça estar se enfraquecendo (ver, nesse sentido, Helal e Soares, 2003). No caso da Copa de 2002, a simbólica da seleção brasileira foi tensionada por um outro elemento: o fato de “Felipão” ser gaúcho e ter montado sua equipe com um número bem maior de jogadores e profissionais da comissão técnica gaúchos do que jamais houve em toda a história da participação do Brasil na Copa.³ Acresce-se a esta escolha a firme decisão de Luiz Felipe de não convocar o polêmico jogador Romário, centroavante e símbolo da seleção vencedora da Copa de 1994, além de uma espécie de ícone do “futebol malandro”, personificação do que se convencionou chamar de “estilo brasileiro” de futebol. Luiz Felipe foi pressionado por uma espécie de “campanha” para convocar o famoso jogador, que contou inclusive com um apelo pessoal do então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, em vão. Assim, este contexto acabou suscitando uma reatualização da histórica e tensa relação periferia x centro entre o Rio Grande do Sul e o “centro do País”, nomeadamente Rio de Janeiro e São Paulo na arena simbólica das páginas da imprensa esportiva. Tal relação, que historicamente se manifestou em vários conflitos armados, como, entre outros, a Guerra dos Farrapos (1835-45), a Revolução de 1930 ou a Crise da Legalidade (1961), perpassa o imaginário social brasileiro, refletindo-se na cultura brasileira em geral e de

² Na ocasião, o cronista Luis Fernando Veríssimo relacionou o significado de “Honduras” (“funduras”, “profundezas”) com a situação de “fundo do poço” vivida pela seleção brasileira.

³ Na convocação original, constavam seis gaúchos: três jogadores (Emerson – que acabou afastado por lesão –, Anderson Polga e Ronaldinho Gaúcho) e três membros da comissão técnica (Luiz Felipe, seu auxiliar Murtosa e o preparador físico Paulo Paixão).

modo particularmente acentuado na cultura gaúcha, estabelecendo uma oposição identitária entre “gaúchos” e “brasileiros”, como se a primeira categoria não fosse subsumida à segunda, mas hierarquicamente colocada em igualdade. O campo esportivo, entendido como campo simbólico de manifestação de elementos da cultura, reflete e atualiza este conflito, como no histórico jogo entre “seleção brasileira x seleção gaúcha”, ocorrido em 1972 e brilhantemente analisado por Guazzelli (2002).

Como fato cultural da maior importância na cultura brasileira contemporânea, o futebol tem sido apontado como um dos principais elementos articulados com a identidade nacional no Brasil, o que pode ser inferido pelo epíteto hoje tradicional, “O País do Futebol”. Assim, o futebol jogado no Brasil é reinterpretado segundo os códigos da cultura brasileira, dotando-o de significados que ultrapassam as estreitas linhas do campo de jogo.

O terceiro termo da problemática a ser abordada diz respeito justamente à mediatização dos eventos esportivos, processo social de articulação de significados que, em nossa sociedade, produz definições da realidade acerca dos fatos esportivos, colaborando de modo ativo no estabelecimento e manutenção de significações culturais acerca destes fatos. Este processo de articulação de significados torna o discurso midiático um importante elemento de produção e reprodução de cultura em nossa sociedade, em particular no que se refere ao universo esportivo.

O caso analisado aponta com clareza para a complexidade das questões identitárias associadas à participação deste time especial de futebol, a “seleção brasileira”, neste torneio de futebol especial, a “Copa do Mundo”, participação cujos “fatos” colaboram para sustentar a definição consensual do Brasil como “O País do Futebol” (ver, neste sentido, Gastaldo, 2000 e Helal, 2001). Este trabalho se propõe a refletir sobre a complexa relação entre futebol e “identidades brasileiras” a partir de sua manifestação/atualização midiática, tomando o caso da Copa de 2002 como um exemplo, ilustração de uma problemática histórica, a da construção social de uma “identidade” ou “caráter nacional” no Brasil e sua tensão com a pluralidade das identidades regionais, tensão que me leva a pensar em “identidades brasileiras” no plural.

A “imprensa de chuteiras”

O discurso da imprensa esportiva, no contexto mais geral da produção discursiva jornalística, possui particularidades que acredito ser importante especificar. Em primeiro lugar, este discurso refere-se a um conjunto de fatos considerados ‘menores’: os fatos do jogo, que segundo Huizinga (1971) se opõem à ‘seriedade’ da vida cotidiana, ao mundo sério do trabalho, da economia e da política. Os fatos esportivos pertencem à esfera do entretenimento, da distração, a uma hierarquização ‘secundária’ em relação às editorias mais ‘nobres’ do jornalismo, e isto se reflete na produção discursiva do jornalismo esportivo. A subjetividade do enunciador-jornalista esportivo é menos regulada institucionalmente do que em outras editorias – um cronista esportivo ‘torcer’ por um time em seu texto é muito menos problemático do que um editor de política ‘torcer’ por um candidato ou partido, por exemplo (Gastaldo, 2001). Inclusive, eventuais rasgos de passionalidade na definição da situação proposta por um jornalista esportivo são mesmo parte formadora deste gênero literário/jornalístico, como nas célebres crônicas esportivas de Nelson Rodrigues (ver neste sentido, José Carlos Marques, 2000) ou, em um exemplo gaúcho, as colunas de Kenny Braga e Paulo Sant’ana em Zero Hora, a saber, um cronista “colorado” e outro “gremista”.

Não obstante o rebaixamento da “importância” da editoria de esportes no contexto jornalístico, a apropriação midiática dos fatos esportivos constitui-se em um fenômeno de audiência constante na mídia brasileira, o que revela, se não sua ‘importância’ como tema jornalístico, pelo menos sua relevância como fato social. Por exemplo, o recorde de participação na audiência da Rede Globo foi recentemente superado em um horário improvável: 6 da manhã, devido à transmissão exclusiva do jogo de futebol Brasil x China, na última Copa do Mundo. Na Copa de 1998, não foi diferente, exceto pelo fato de cinco emissoras abertas terem transmitido o evento: na média, as emissoras somadas transmitiram as partidas da seleção brasileira para 94% dos televisores ligados no país a cada jogo, audiência projetada de mais de 100 milhões de pessoas por jogo (fonte: Ibope). A menor exigência de ‘objetividade’ de um jornalista esportivo faz com que os discursos da imprensa esportiva sejam mais passíveis de manifestação de elementos simbólicos da cultura na qual se inserem – sexismo, racismo e outros preconceitos, inclusive – permitindo pensá-los como um interessante ‘ponto de observação’ acerca da

definição de imaginários simbólicos em nossa sociedade pelo campo midiático. Neste sentido, pode ser estendida a reflexão de Luiz Gonzaga Motta (1997: 318) acerca do *fait divers*, quando ele sugere que a construção da notícia “vai muito além dos fatos, envolve a arbitrariedade da criação pessoal do repórter, transcende mesmo a atividade jornalística para chegar até os mitos da sociedade”. Esta opinião é compartilhada por Traquina (2001: 86-7), que, ao referir-se ao paradigma que ele denomina ‘etnoconstrucionista’ (fusão entre etnometodológico e construcionista), entende as notícias como “narrativas, ‘estórias’, marcadas pela cultura dos membros da tribo e pela cultura da sociedade onde estão inseridos, sendo necessário mobilizar todo um *saber de narração*” (2001: 86).

Desta forma, acredito que a investigação da apropriação midiática dos fatos esportivos referentes à Copa do Mundo de 2002 nas páginas da imprensa esportiva de diferentes regiões do Brasil constitui um interessante fenômeno discursivo a ser investigado, possibilitando uma compreensão mais aprofundada do papel da mediatização na relação do futebol com a cultura brasileira, bem como das definições da identidade nacional brasileira sustentadas nestes discursos.

A seguir, discuto alguns fundamentos históricos e teóricos que servem como ‘pano de fundo’ para a questão em foco neste trabalho, a saber, a apropriação midiática de elementos da cultura brasileira contemporânea e a ‘definição de realidade’ proposta no discurso da imprensa esportiva acerca dos atributos constituintes de um ‘ser brasileiro’ a partir da cobertura da Copa do Mundo de 2002.

O futebol na cultura brasileira

Mesmo sem negar que a mítica do “país do futebol” seja resultado de um processo histórico e social que tem pouco mais de 50 anos, este esporte é hoje um dos principais emblemas da “identidade brasileira”, juntamente com o samba e as chamadas “religiões afro-brasileiras”. Ao futebol jogado no Brasil são atribuídas características constituintes do que seria uma “identidade brasileira”, como a modalidade de conduta conhecida como “malandragem”.

Embora historicamente datados do início do processo de industrialização da sociedade brasileira, nos anos 30 e 40, os tempos da “malandragem” constituem uma espécie de

“passado mítico” da cultura brasileira, sendo a figura do malandro uma espécie de “herói popular” brasileiro. Oliven (1986: 34) considera a malandragem uma “*estratégia de sobrevivência e concepção de mundo*”, através de uma recusa da disciplina (e da exploração) do trabalho assalariado. Embora o contexto histórico e social contemporâneo tenha relegado o “malandro” (de navalha, terno branco e lenço de seda no pescoço) ao passado, sua figura emblemática continua presente no imaginário da sociedade brasileira. Um dos campos onde a “malandragem” é vista essencialmente como um valor no Brasil é justamente o campo de futebol, palco de ritualizações de diversos elementos da cultura brasileira.

Para Da Matta (1982), o futebol no Brasil é uma espécie de “drama da vida social”, onde se colocam em cena questões estruturais e hierárquicas da sociedade brasileira, assim como em outros momentos igualmente ritualizados, como o carnaval e as chamadas “religiões afro-brasileiras”. Estes três elementos têm sido objeto de apropriações ideológicas diversas, no sentido de compor uma “identidade nacional”, na qual o futebol desempenha um importante papel, como princípio aglutinador do “povo brasileiro” na sua constituição como nação.

Normalmente, o interesse dos brasileiros pelo futebol encontra-se dividido em torno da regionalidade decorrente da vinculação afetiva a diferentes clubes. Os clubes de futebol simbolizam um pertencimento social com características específicas, demandando dos torcedores uma lealdade por toda a vida (“*Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer...*”). Muitas vezes, os locutores esportivos se referem à torcida de um clube como “nação” (“nação colorada”, “nação rubro-negra”, etc, de acordo com as cores do clube), ressaltando este sentido de “comunidade reunida” em torno do pertencimento afetivo a um grupo, a um sentimento coletivo compartilhado, no caso, mediado pelo “time do coração”. Cabe ressaltar que apenas uma ínfima parte da torcida de um “time” tem um vínculo formal com o “clube”, na qualidade de “sócio”. O pertencimento a uma torcida é muito mais uma questão afetiva (frequentemente mediada na infância por relações familiares) do que uma relação institucional entre um clube e seus sócios.⁴

Esse interesse é catalisado numa dimensão “nacional” quando está em campo a “seleção brasileira”. Este time de futebol especial realiza uma espécie de “unidade nacional”, por

⁴ Para uma reflexão antropológica acerca da vinculação afetiva entre torcedores e clubes e sua conseqüente sociabilidade/rivalidade, ver Damo (2002).

meio da superação das diferenças clubísticas em prol de um bem comum: o desempenho do “Brasil” perante outros “países”. Todos estes termos estão empregados no sentido metonímico que cotidianamente permeia a relação entre a “seleção nacional” e a “nação” ou o “país” (seja o “Brasil”, seja seu adversário). Boa parte da legitimação desta apropriação simbólica provém da imprensa esportiva, particularmente importante nos períodos de Copa do Mundo. Assim, é frequente que no discurso da crônica esportiva a “seleção brasileira” venha a “representar” (no sentido mais metonímico do termo) o “povo brasileiro”. Simoni Guedes ressalta esta apropriação simbólica da relação entre a “seleção brasileira” e o “povo brasileiro” por parte da imprensa esportiva:

Tratando-se da atuação da seleção brasileira de futebol, chega a ser impressionante o modo como se passa, sem nenhuma mediação considerável, da avaliação do time para a avaliação do povo. As vitórias da seleção nacional evidenciam a capacidade do povo brasileiro enquanto as derrotas são nada menos que denúncias de sua indigência. (Guedes, 1998: 20)

Em uma Copa do Mundo, os participantes não são meros times de futebol, mas “seleções nacionais”, uma espécie de “encarnação simbólica” de cada nação participante do evento. Assim, uma Copa do Mundo é muito mais do que um mero torneio de futebol: ela é uma chance de se colocar a própria nação em perspectiva comparada com o resto do mundo. Pelo menos no Brasil, a Copa é considerada o apogeu do mundo dos esportes, sendo-lhe dada mais importância social do que a própria Olimpíada: afinal de contas, quem vence a Copa é, incontestavelmente, “o melhor do mundo”.

Cabe ressaltar que houve, a partir da Copa de 1998, uma mudança sensível na definição da realidade promovida pela imprensa esportiva a respeito da transferência de atributos da seleção brasileira para o povo brasileiro, aspecto ressaltado por Simoni Guedes. A vitória na Copa de 1994, após um longo período de 24 anos sem um título em Copas do Mundo, promoveu uma rearticulação de significados nesta relação entre a avaliação da seleção brasileira e a avaliação do povo brasileiro. A conquista do tetracampeonato mundial de futebol, isolando o Brasil de seus concorrentes diretos no número de títulos conquistados (Alemanha e Itália têm três títulos cada), representou uma espécie de “salvaguarda” contra a derrota. Tal significado teve um enorme incremento a seu favor com a vitória brasileira na Copa de 2002, justamente sobre um dos concorrentes diretos pelo maior número de títulos em Copas do Mundo, a Alemanha. Se o

Brasil houvesse perdido, hoje teríamos dois tetracampeões no mundo; vencendo, o Brasil isolou-se de seus oponentes por dois títulos, vantagem que pode perdurar por décadas, sustentando ainda mais o sentido de “perenidade” do estatuto brasileiro auto-adscrito de “País do Futebol”.

A homogeneização promovida por uma definição unitária e integradora do “ser brasileiro” oculta conflitos decorrentes de particularidades sociais, étnicas e regionais. Como ressalta Ortiz (1984), a eleição quase “oficial” de símbolos da cultura brasileira durante o primeiro governo de Vargas (1930-1945) elevou elementos relacionados à cultura negra – como o samba, as religiões afro-brasileiras e, de modo crescente após os anos 30, o futebol – à condição de emblemas da “cultura brasileira”, em prejuízo dos grupos negros, que viram “suas” manifestações culturais se tornarem manifestações culturais “do Brasil”. No caso do futebol, é notável o livro hoje clássico de Mário Rodrigues Filho (1964), “O Negro do Futebol Brasileiro”, cuja primeira edição foi publicada em 1947, na qual, a partir de uma inspiração nitidamente freyreana – Gilberto Freyre, a propósito, assina o prefácio – é apresentada uma versão “heróica” da participação dos jogadores de futebol negros contra seus “inimigos”, os jogadores da elite branca e racista no futebol brasileiro. A tese de Mário Filho é de que, ao abrir suas portas à participação dos negros, o futebol jogado no Brasil se tornou o “futebol brasileiro”, fundando um “estilo brasileiro” – que seria chamado, anos mais tarde, de “futebol-arte” –, derivado direto da “democracia racial” preconizada por Freyre. O livro de Mário Filho, como “Casa Grande & Senzala”, veio a se tornar parte de um discurso dominante sobre o futebol no Brasil, embora não seja isento de questionamentos no campo acadêmico.⁵

No que concerne às particularidades regionais subsumidas sob o emblema unificador da “cultura brasileira”, considero importante destacar o papel de contraponto aos símbolos desta cultura por parte de uma cultura regional, a “cultura gaúcha”, que, entre vários outros aspectos, se manifesta também nos significados articulados ao futebol, caso que analiso no tópico a seguir.

⁵ Ver, nesse sentido, o debate entre Soares (1999), Gordon e Helal (1999) e a réplica de Soares (1999a).

Gaúchos x Brasileiros: um caso difícil

Historicamente, o Rio Grande do Sul teve uma relação particularmente tensa para com o Brasil, desde os tempos do Tratado de Tordesilhas (1494). Pelos termos do tratado, o limite sul da porção portuguesa do Novo Mundo terminaria na altura de Laguna, no litoral sul de Santa Catarina, ficando todas as terras a oeste – e ao sul – sob domínio espanhol. Assim, o território onde hoje fica o Rio Grande do Sul teve uma ocupação territorial tardia com relação a outras regiões do Brasil, situando-se nos tempos coloniais como em um território de “fronteira móvel” entre as possessões portuguesas e espanholas, variando entre o norte do RS e Buenos Aires, com intensa beligerância de parte a parte. No começo do século XVIII, a coroa portuguesa iniciou uma política de ocupação do território entre São Vicente (hoje Estado de São Paulo) e a Colônia do Sacramento (hoje Uruguai). Tal política consistia em doação de terras a tropeiros e militares, que, ao invés de passar pelo território em busca de gado xucro ou de inimigos, nele se estabeleceram, criando estâncias de gado, onde a rudeza do clima e as atividades ligadas à pecuária – a cavalo – teriam dado origem a este “tipo regional brasileiro”, o “gaúcho”. A apropriação discursiva de diversos elementos desta matriz histórica ainda hoje se encontram presentes como emblemas de uma “identidade gaúcha”, como pode ser inferido no seguinte trecho de Érico Veríssimo:

Pense nas duras atividades da vida campeira – laçar, domar e marcar potros, conduzir tropas, sair da faina diária quebrando a geada nas madrugadas de inverno – e você compreenderá por que a virilidade passou a ser a qualidade mais exigida e apreciada do gaúcho. Esse tipo de vida é responsável pelas tendências algo impetuosas que ficaram no inconsciente coletivo deste povo, e explica a nossa rudeza, a nossa às vezes desconcertante franqueza, o nosso hábito de falar alto, como quem grita ordens, dando não raro aos outros a impressão de que vivemos numa permanente carga de cavalaria. (1969: 3-4)

A alusão a um “inconsciente coletivo” – ecoando a posição culturalista de Ruth Benedict – que comporia um “caráter gaúcho” a partir de suas matrizes históricas campeiras e guerreiras, não é somente de Érico Veríssimo, ela se articula com um discurso identitário de senso comum no Rio Grande do Sul, gerando representações sociais acerca do “ser gaúcho” que, como afirma Oliven (1992: 49) “acabam adquirindo uma força quase mítica que as projeta até nossos dias e as fazem informar a ação e criar práticas no presente”. Tais “práticas sociais do

presente”, informadas por este discurso identitário manifestam-se nos mais diversos setores da sociedade gaúcha.

O futebol, um dos grandes operadores simbólicos de identidade brasileira contemporânea, apresenta um interessante paralelo, uma espécie de “versão futebolística” da controvertida relação simbólica entre Brasil x Rio Grande do Sul, cujos traços principais de identificação são apontados por Arlei Damo (2002: 132):

O gaúcho altivo, valente e destemido, o centauro dos pampas cujo mito se tornou ideologia com a atuação do MTG é também o estereótipo que orienta, ao longe, as manifestações dos torcedores e, principalmente, os discursos midiáticos.

Houve um momento histórico em que esta diferença entre província e nação se tornou explícita em um jogo de futebol: em 17 de junho de 1972, no Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre, 110.000 pessoas (o recorde histórico do estádio) vaiaram a seleção brasileira do começo ao fim do jogo, apoiando a “seleção gaúcha”, formada por um combinado de Grêmio e Internacional, que incluía o uruguaio Anchetá, o argentino Oberti e o chileno Figueroa entre seus titulares. O insólito e simbólico jogo se deveu a uma espécie de “desagravo” da então CBD com relação à não-convocação do jogador gremista Everaldo, único gaúcho escalado para a seleção tri-campeã do mundo em 1970. A ausência de jogadores gaúchos que disputaria a “Minicopa” do Sesquicentenário da Independência suscitou revolta entre os torcedores gaúchos, revolta que se manifestou na imprensa esportiva da época, analisada por Guazzelli (2002: 67):

O deslocamento dos eventuais antagonismos e descontentamentos para o futebol faz sentido nesta conjuntura em que a noção de nacionalidade era transferida para uma Seleção campeã, símbolo de todos os sucessos do “milagre brasileiro”, síntese das palavras de ordem ufanistas que identificavam o futuro aqui e agora. O Rio Grande, ao qual se negara o pertencimento a esta pátria vencedora, ia uma vez mais para a guerra contra a Corte, ali no terreno em que melhor se consolidava a imagem da nação. Contra a “pátria de chuteiras” de Nelson Rodrigues, erguia-se a “província de chuteiras”!

Tal episódio pode ser considerado exemplar de um modo de apropriação social dos fatos do futebol no Brasil, e de modo particular a relação simbólica que se estabelece entre “futebol gaúcho” e Rio Grande do Sul, homóloga à existente entre “seleção brasileira” e Brasil. Cabe ressaltar que o ressentimento associado a esta complicada relação entre centro e periferia não parece ser somente de parte da imprensa gaúcha; haveria uma contrapartida no discurso

jornalístico do “centro do país”, sob a forma de críticas com relação ao “futebol gaúcho”, entendido como desleal, violento e “europeizado”, em tudo distinto do “futebol-arte” categoria que define o “modo brasileiro” de jogar futebol. Neste sentido, Damo (2002), analisando o discurso da imprensa esportiva brasileira com relação ao futebol gaúcho, explora esta articulação midiática entre o futebol gaúcho e o jogo violento, de marcação forte e disciplina tática, antítese do “futebol-arte”, como no trecho a seguir, do cronista Alberto Helena Jr:

O diabo é que o estilo do Grêmio me lembra sua antítese, em matéria de brilho – o drible de Garrincha. Todo mundo sabia de cor e salteado quais os movimentos que faria, sempre para a direita. E ninguém conseguia impedi-lo de repetir a jogada hipnótica e fatal (Helena Jr, FSP, 15/5/96, citado por Damo, 2002: 142)

A expressão “antítese de Garrincha”, o jogador-síntese do “futebol-arte”, dá conta de estabelecer uma distância entre o “ser brasileiro” (e ser adepto do futebol-arte e do campo semântico a ele associado) e o “ser gaúcho” (com toda sua carga de oposição ao “ser brasileiro”).

A Pátria e as chuteiras. De quem?

Na Copa de 2002, o técnico da seleção brasileira era justamente Luis Felipe Scolari, o técnico da equipe do Grêmio em 1995-6, treinador emblemático do “futebol gaúcho” analisado por Damo, fazendo deste caso um fenômeno particularmente interessante para estudar, dada a sobreposição de categorias relacionadas ao referente “seleção brasileira” (nacional / regional; futebol-arte / futebol-força; brasileiro/ europeu/ platino, entre outras). Em 31 de maio de 2002, dia da abertura da Copa do Mundo, por exemplo, o jornal gaúcho Zero Hora apresentou como manchete: “Começa a mais gaúcha de todas as Copas”, motivada pelo elevado número de jogadores gaúchos na equipe – além do próprio técnico.

O mesmo tema – a da seleção brasileira-gaúcha – foi abordado humoristicamente por Kledir Ramil, em artigo na revista IstoÉ de 10 de julho de 2002, no qual ele “prova” ironicamente que todos os jogadores da seleção são, no fundo, gaúchos:

...Kléberson e Rogério Ceni são paranaenses, e Paraná, em tupi-guarani, quer dizer “Rio Grande”. Tá explicado. Caetano Veloso decretou há pouco que “a verdadeira Bahia é o Rio Grande do Sul”, portanto, os baianos Vampeta, Dida, Júnior e Edílson são trigaúchos. (...)

Na divulgação da lista dos convocados – pá-de-cal nas pretensões de Romário – o jornal Folha de São Paulo (7/5/02, p. D4) ressalta a “descentralização” promovida por Luiz Felipe, na matéria intitulada “Seleção de Scolari foge do eixo Rio-SP”. Nesta matéria, destaca-se a menor participação de jogadores paulistas e cariocas na seleção em todas as Copas do Mundo. Curiosamente, a matéria refere o número de baianos, brasilienses e paranaenses – sem mencionar os jogadores e dirigentes gaúchos.

Nos primeiros jogos da Copa, a crônica esportiva gaúcha fez coro com a tendência nacional de criticar severamente o time de Felipão, como no trecho abaixo, em que o cronista do Correio do Povo, jornal de Porto Alegre, comenta uma entrevista com Luiz Felipe no final da primeira fase:

Felipão está cada dia mais irritado com os questionamentos sobre a zaga. Voltamos a tocar no assunto e a resposta foi esta: “A imprensa está passando dos limites”. (...) Felipão disse isso e emendou: “Os zagueiros tão elogiados, os melhores do mundo, estes já foram embora. Os do Brasil continuam aqui”. A eliminação da Argentina e da França tem servido como pretexto para justificar nossas falhas. (Hiltor Mombach, Correio do Povo, 17/6/02)

Após a convincente vitória no jogo com a Inglaterra, a tendência de críticas dos cronistas gaúchos começou a mudar. Começaram a surgir comentários relativizando as críticas anteriormente feitas e um deslocamento da questão polarizando a imprensa esportiva gaúcha com a do “centro do país”, como no seguinte trecho, em que o cronista comenta a falha do zagueiro Lúcio (ex-Inter/RS), que resultou no primeiro gol da Inglaterra:

Há sempre um primeiro pensamento, uma primeira palavra, e esta foi estigma. Quando Lúcio falhou, entregando o gol, rendendo o Brasil, pensei em Dunga e em manchetes como “fim da era Felipão”. (...) Lembrem de 1990? Tivemos ali o fim da era Dunga, transformada depois em recomeço. Foi quando o centro do país tentou sepultar o estilo gaúcho. Lúcio não é gaúcho, mas é tido como tal. Não se iludam: há muita gente aqui guardando os pregos para crucificar Felipão e com ele, um estilo, o nosso. Ciúme dói! (Hiltor Mombach, Correio do Povo, 22/6/02)

Com a conquista do título, a tensão até então discretamente manifesta entre jornalistas gaúchos e do “centro do país” pôde ser melhor evidenciada – no caso, pelos “vencedores”, como nos trechos abaixo:

Cinco razões para não esquecer a Copa de 2002: (...)
 - *A revanche dos gaúchos contra a descrença paulista e carioca em Felipão. (...)*
(Zero Hora, 1º/7/02)

Este é um título gaúcho, o mais marcadamente gaúcho dos cinco títulos. É um título gaúcho porque foi conquistado pelo grande Lúcio do jogo final, pelo Ronaldinho Gaúcho que decidiu quase sozinho contra a Inglaterra, pelo Polga, pelo preparador físico Paixão. Mas principalmente é um título gaúcho porque foi comandado pelo Luiz Felipe, um predestinado para ser campeão. (...) Luiz Felipe e seus jogadores e fisicultor gaúchos ensinaram desta vez, definitivamente, os brasileiros a respeitarem mais os gaúchos. (Paulo Sant'ana, Zero Hora, 1º/7/02)

Onde há um gaúcho, há chimarrão. E se um gaúcho portando cuia é um gaúcho pilchado, bem, então eu vi o Rio Grande do Sul, na figura de Felipão, entrando feito César em triunfo em Brasília ontem. (...) Conto agora, passada a Copa do Mundo. Jogavam Brasil x Inglaterra e, na falha boba de Lúcio, um jornalista paulista faz a seguinte observação: “Viu! É nisso que dá escalar esta gauchada”. Recalque. Escrevam isto: o centro do país está sendo obrigado a digerir Felipão. (Hiltor Mombach, Correio do Povo, 3/7/02).

Fica evidente aqui a atualização de uma tensão centro x periferia de origens arcaicas, que coloca em confronto “gaúchos” x “brasileiros”, como se a primeira categoria não fosse subordinada à segunda, mas hierarquicamente equivalente. Os atributos que distinguiriam uma categoria da outra, aplicados ao campo de futebol, são traduzidos em termos de “estilos” de jogar, que refletiriam o *ethos* de cada uma das categorias. A julgar pelo texto de Helal e Soares (2003), que analisaram os relatos da imprensa esportiva carioca acerca da seleção, não só não teria havido esta tensão nos dados que analisaram, como nos jogos finais da Copa o time brasileiro seria mesmo um exemplo do resgate do “futebol-arte”, como no trecho abaixo, em que o cronista Armando Nogueira louva as virtudes “nacionais” dos dribles de Ronaldinho Gaúcho:

Um drible de Ronaldinho Gaúcho é o retrato perfeito do proverbial jeitinho brasileiro, que hoje, mais do que nunca, há de fazer a diferença. (Jornal do Brasil, 30/6/02, citado por Helal e Soares (2003))

Entretanto, a aparente unilateralidade desta tensão torna este fenômeno ainda mais intrigante. A demanda dos gaúchos pelo “respeito” dos “brasileiros” do “centro do país” torna os relatos jornalísticos acerca desta Copa particularmente emblemáticos do emprego do futebol como mecanismo de legitimação ideológica. Se Helal e Soares consideram estar em curso o

declínio da ideologia da “Pátria de Chuteiras” – fenômeno com o qual tendo a concordar, em termos nacionais –, a ideologia da “Província de Chuteiras”, constituída na e pela oposição a um Estado nacional centralizador – cuja denominação “centro do país” é significativa – parece estar extremamente ativa. Nos termos destas narrativas, a própria ausência de alusões à “gauchidade” da seleção brasileira é considerada significativa, como quando Hiltor Mombach – um dos mais exaltados defensores deste ponto – declara: “calaram-se os que ficaram na espreita, contra a turma do chimarrão” (CP, 3/7/02).

Assim, o caso da Copa de 2002, tendo em vista suas especificidades identitárias, constitui-se em uma rica fonte de dados para problematizar a estreita relação entre futebol e identidade no Brasil, um ponto de tensionamento entre lógicas identitárias diversas, e não poucas vezes contraditórias a ponto de derivarem em conflitos armados.

Para concluir

Busquei com este trabalho levantar algumas questões sobre a construção social das “identidades brasileiras” em relação ao futebol, a partir do caso exemplar da Copa de 2002. É importante destacar o papel da mídia neste processo de constituição de identidade articulado ao futebol: embora no contexto jornalístico a editoria de esportes seja considerada uma editoria “menor”, vale lembrar que, no Brasil, a Copa do Mundo não existe a não ser como apreensão de um fato midiático, e que a audiência dos jogos do Brasil na Copa soma a quase totalidade dos aparelhos ligados – fato cada vez mais raro em tempos de segmentação de públicos.

As matrizes históricas das identidades regionais e nacional no Brasil sustentam valores e lógicas muitas vezes contraditórias, que encontram expressão no campo de futebol. A Copa de 2002, nesse sentido, foi notável por ter colocado no campo midiático uma composição tensa de “identidade brasileira” e “identidade gaúcha” personificada na figura do técnico Luiz Felipe. Tal composição atualizou um antigo conflito entre “lógicas identitárias” distintas manifestas no futebol, como entre os chamados “futebol-arte” e “futebol-força”, entre criatividade e disciplina, de que o embate jornalístico pré-Copa entre Romário x Felipão é uma boa ilustração. As páginas esportivas dos jornais oferecem bem mais do que relatos de jogos:

oferecem também um ponto de vista privilegiado para pensar as lógicas identitárias em jogo no Brasil contemporâneo.

Referências Bibliográficas

- DA MATTA, R. “Esporte na Sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro” in: DA MATTA (org.) *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAMO, A. S. *Futebol e Identidade Social – uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- FREYRE, G. *Casa Grande & Senzala – formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- GASTALDO, E. “Os Campeões do Século: notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo” in: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* (22/1). Campinas: CBCE/Autores Associados, setembro de 2000.
- GORDON, C. e HELAL, R. “Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol” in: *Estudos Históricos* (13/23) Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- GUAZZELLI, C. A. “500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da ‘província de chuteiras’”. In: *Verso e Reverso* (XVI/34). São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- GUEDES, S. L. “O Povo Brasileiro no Campo de Futebol” in: *O Brasil no Campo de Futebol*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.
- HELAL, R. “Mídia, Construção da Derrota e o Mito do Herói” in: HELAL, R., SOARES, A. J. e LOVISOLO, H. *A Invenção do País do Futebol – mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HELAL, R. e SOARES, A. J. “O Declínio da Pátria de Chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002”. Comunicação apresentada na XII Reunião da Compós. Recife: 3 a 6 de junho de 2003.
- LEITE, D. M. *O Caráter Nacional Brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Ática, 1992.
- MARQUES, J. C. *O Futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: EDUC, 2000.
- MOTTA, L. G. “Teoria da Notícia: as relações entre o real e o simbólico” in: MOUILLAUD, M. e PORTO, S. (org.) *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- OLIVEN, R. G. “A Malandragem na Música Popular Brasileira” in: *Violência e Cultura no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____ “O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação contraditória” in: *A Parte e o Todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- ORTIZ, R. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SOARES, A. J. “História e Invenção de Tradições no Futebol” in: *Estudos Históricos* (13/23) Rio de Janeiro: FGV, 1999.

- _____ “A modo de resposta” in: *Estudos Históricos* (13/23) Rio de Janeiro: FGV, 1999a.
- TRAQUINA, N. *O Estudo do Jornalismo no Século XX*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001.
- VERÍSSIMO, É. “Um romancista apresenta sua terra” in: *Rio Grande do Sul – terra e povo*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1969.